

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

EXPLORAÇÃO ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS. RELATÓRIO DA 23.^a CAMPANHA (OUTUBRO DE 1955).

CARDOSO, Mário

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Exploração Arqueológica na Citânia de Briteiros. Relatório da 23.^a campanha (Outubro de 1955). *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 431-438.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros

Relatório da 23.^a Campanha
(Outubro de 1955)

POR MÁRIO CARDOZO

Director do Museu de «Martins Sarmento»

I — Escavações e restauros.

Incidiram no corrente ano as escavações da Citânia de Briteiros no sector norte das ruínas, principalmente na zona situada entre a muralha interior, que envolve a acrópole, e a muralha média (vide est. I), zona esta que abrangia uma área mais ou menos plana, de cerca de 2.500 metros quadrados.

Puseram-se ali a descoberto cinco casas de planta quadrangular, algumas delas com os cantos interiores arredondados, e duas circulares (vide est. II e V).

A grande dificuldade destas escavações continua sendo a remoção de terras, entulhos e pedra miuda em grande quantidade, que, visto não serem maninhos os terrenos circunjacentes, se torna difícil de arrumar para sítio conveniente e distante, desafogando as ruínas. E ainda porque o processo de remoção das terras em pequenos cestos, conduzidos à cabeça por mulheres, é extremamente moroso, de diminuto rendimento e portanto muito dispendioso. Atendendo ao grande volume de metros cúbicos de escombros que uma destas escavações, em qualquer área relativamente pequena das ruínas, logo produz, seria necessário, e muito mais expedito, estabelecer um sistema de deslocamento desses materiais inúteis por meio de vagonetes deslizando em carris. Infelizmente, não se tem podido adoptar tal sistema, por falta de verba para a aquisição dessa ferramenta de trabalho, continuando portanto as escavações a

serem efectuadas pelos primitivos processos (vide est. III). Contudo, as terras são sempre cuidadosamente passadas em crivos de rede apertada, antes de lançadas a distância (vide est. III, lado direito).

Foram empregados em média, diariamente, 30 trabalhadores, sendo 4 pedreiros, 10 jornaleiros e 16 mulheres. Começaram as escavações no dia 1 de Outubro e terminaram em 31, tendo os operários trabalhado durante 25 dias úteis, sob a nossa direcção.

Na parte norte da acrópole, numa zona já em parte explorada no tempo de Martins Sarmento, fizeram-se também alguns desentulhos e reparações, pondo-se a descoberto uma interessante viela empedrada e uma casa redonda (vide est. VI), reconstituindo-se vários muros de suporte dos tabuleiros da encosta (vide est. IV) e fazendo-se o restauro de algumas casas e de um troço da muralha, havendo sempre o cuidado de manter, em absoluto, o aparelho primitivo destas construções.

A verba dispendida no conjunto dos trabalhos foi 14.560\$00 esc., fornecida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

II — O espólio recolhido

a) *Pedra.*

Foi regularmente frutuoso e compensador o espólio que as escavações produziram, e que imediatamente deu entrada nos mostruários da Secção de Proto-história do Museu de « Martins Sarmento ».

De pedra, apareceram numerosas mós dos conhecidos moinhos manuais, facto que, atendendo ao não aparecimento correspondente de restos de fornos de cozedura de pão, nos radica o convencimento de que a farinha obtida da trituração dos cereais nessas mós seria empregada principalmente na confecção de papas, ou de bolos recozidos simplesmente ao calor da pedra da lareira. Contudo, Estrabão diz expressamente que os montanhese lusitanos se alimentavam, durante três quartas partes do ano, de *pão* de bolota seca e farinada, o qual se conservava durante muito tempo (*Geogr.* III, 3, 7), afirmação esta que

não se harmoniza bem com a referida ausência de fornos que geralmente se verifica nas ruínas castrejas.

Apareceram também as usuais pedras cilíndricas (marcos?), e outras em forma de palmatória com um orifício central, que têm sido consideradas, a meu ver dubitativamente, como «prisões de gado», embutidas nas paredes.

Como instrumentos mobiliários de pedra, recolheram-se, além de numerosos seixos elipsoidais, com sinais de aplicação e desgaste pelo uso nas extre-



Fig. 1—Uma pedra de afiar e um machado de pedra polida.

midades, empregados como picos ou martelos, um machado de diorito quartzítico, bem polido, de tonalidade esverdeada, com o comprimento de 10 centímetros; uma pedra de afiar, também com sinais de muito uso (vide fig. 1). Estes achados de pequenos instrumentos de pedra, frequentes na Citânia, parecem provar que o uso destes utensílios de tipologia neolítica se prolongou, não só através da Idade do Bronze, mas chegou, ainda que já com marcada raridade, a um período avançado da Idade do Ferro, empregados com finalidade material, ou, pelo menos, conserva-

dos como amuletos com propriedades talismânicas ou profiláticas, as chamadas «pedras de raio» ou cerâmicas, a que já, desde remota antiguidade, como é sabido, se atribuía origem meteórica sobrenatural.

b) *Cerâmica.*

Não foi possível encontrar alguma vasilha inteira, nem fracturada mas que permitisse a sua reconstituição completa. Apareceram, sim, numerosos fragmentos avulsos, com ornamentação mais ou menos rica, alguns de carácter arcaico (vide fig. 2), e apenas um ou outro de «terra sigillata» lisa.

Recolheram-se 9 cossiros, uns lisos outros ornamentados, um dos quais decorado com círculos concêntricos estampados; um fundo de vasilha, com a circunstância pouco vulgar de conter uma ornamentação serpentiforme; e um curioso disco de barro, de 5,5 cm. de diâmetro, com uma protuberância mamilar central, fazendo lembrar o umbo de um escudo redondo dos Lusitanos, figurado em algumas das conhecidas estátuas proto-históricas de guerreiros



Fig. 2.— *Fragmentos de cerâmica ornamentada.*

galaicos (vide fig. 3); pequenas patelas redondas, afeiçãoadas à mão e aproveitadas de qualquer fragmento de vasilha, as quais talvez fôsem fichas ou tentos de jogo; numerosos fragmentos de asas de púcaros; a metade de um *pondus*, de tear vertical; etc.

Os achados de objectos de vidro foram raros nesta escavação: apenas duas metades de contas de colar, uma azul escura, outra verde clara, e uma diminuta calota esférica que parece ter servido de pedra de um anel.

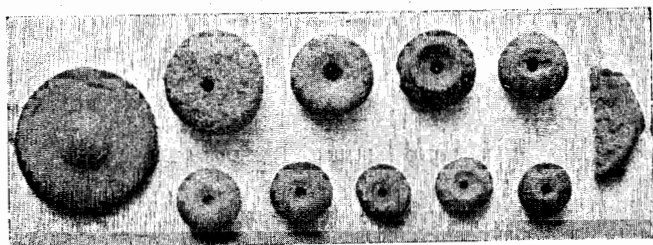


Fig. 3 — Um disco de barro, cossotros e um fragmento de fundo de vasilha, com decoração serpentiforme.

c) Metais.

Foram recolhidos na crivagem das terras muitos dos vulgares estiletos de bronze que têm sido considerados alfinetes de toucado feminino (*acus crinalis*) (vide fig. 4); um pequeno disco de bronze (botão?); uma agulha de bronze; uma espátula-ponteiro de ferro (*stilus*), talvez usada para a ornamentação incisa da cerâmica; uma pinça depilatória ou cirúrgica; duas cabeças de fíbulas, uma das quais da forma denominada «de Santa Luzia», na tipologia estabelecida pelo arqueólogo José Fortes; metade de uma moeda romana do Império (médio-bronze) (vide fig. 5) e cinco aros de fivelas circulares, três dos quais conservavam ainda os travessões ou travincas (vide fig. 6). Foram encontradas muitas escórias de bronze e de ferro, o que atesta

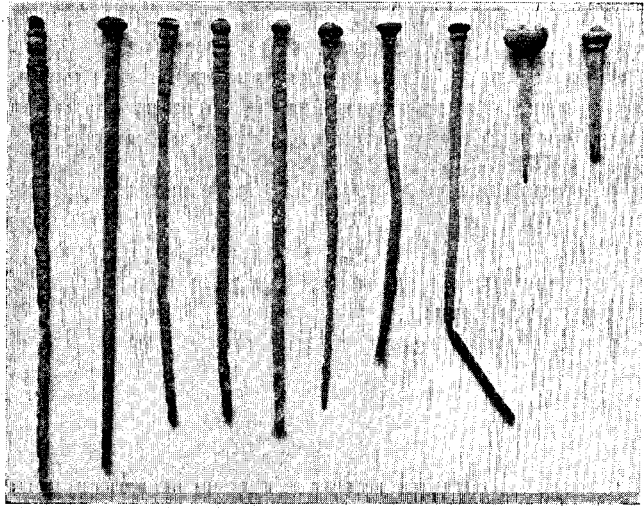


Fig. 4 — *Estiletas de bronze, do toucado feminino.*

a existência de antigas oficinas locais para os trabalhos de fundição.

Finalmente, apareceram duas peças de bronze nada vulgares e que julgamos de indiscutível valor arqueológico. Uma constituída por um cabo de faca ou punhal, de 8 cm. de comprimento, com uma fenda na extremidade inferior, onde entrava a lâmina de ferro, da qual ainda restam vestígios muito oxidados, e que estava ligada ao cabo por dois rebites.



Fig. 5 — *Diversos objectos de bronze e parte de um stilus de ferro.*



Fig. 6 — *Fibelas circulares de bronze.*

Como se vê na figura 7, a forma deste cabo é muito original, constituída por uma placa com dois vazados em ângulo recto, motivo ornamental semelhante ao elemento de uma « gregá ». Na extremidade superior termina por uma argola, cuja finalidade seria também meramente decorativa, ou então com a utilidade prática de se poder segurar a faca a um cinto, do qual pendesse uma correia ou um gancho.

A outra raridade aparecida é uma pequena placa esculpada, de 3 cm. de comprimento, figurando uma cara (vide fig. 8, n.º 1). É de um modelado tosco e arcaico, tanto se podendo supor com os olhos abertos mas sem a indicação da pupila nos globos oculares bem marcados, como com as pápebras fechadas, considerando-se os contornos superiores a figurarem as sobrancelhas. Neste último caso, esta figurinha teria talvez o mesmo simbolismo das esculturas de pedra representando cabeças de mortos, as chamadas « cabeças cortadas », ou cabeças « troféus de guerra », tão vulgares em certas esculturas grosseiras da arte céltica provençal e pré-romana ibérica, que deste modo têm sido interpretadas (vide fig. 8, n.º 2). Também a escultura de uma cabeça de pedra proveniente

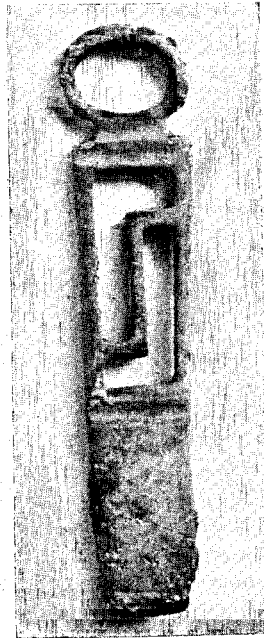


Fig. 7 — *Um cabo de bronze de faca ou punhal.*
(Tam. nat.)

do Castro de Santa Iria (freguesia de Donim, Póvoa de Lanhoso), que se guarda no Museu de «Martins Sarmento» (fig. 8, n.º 3) apresenta grande semelhança com esta de bronze, agora aparecida. Na face posterior, que é plana, há vestígios de um perno ali soldado, o qual serviria talvez para fixar esta escultura decorativa e tutelar a um cinto de couro, por exemplo.

Eis os resultados da presente campanha de escavações na monumental Citânia de Briteiros. Não se

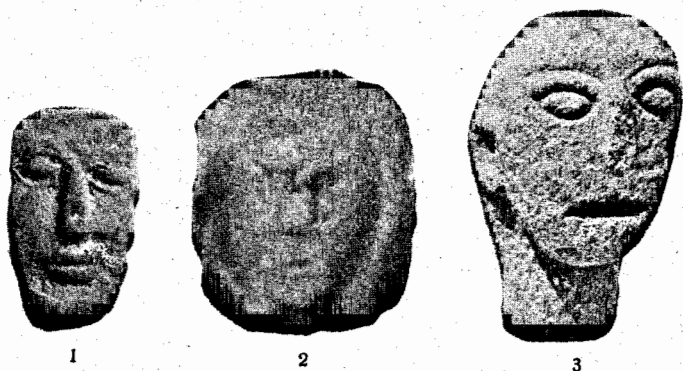
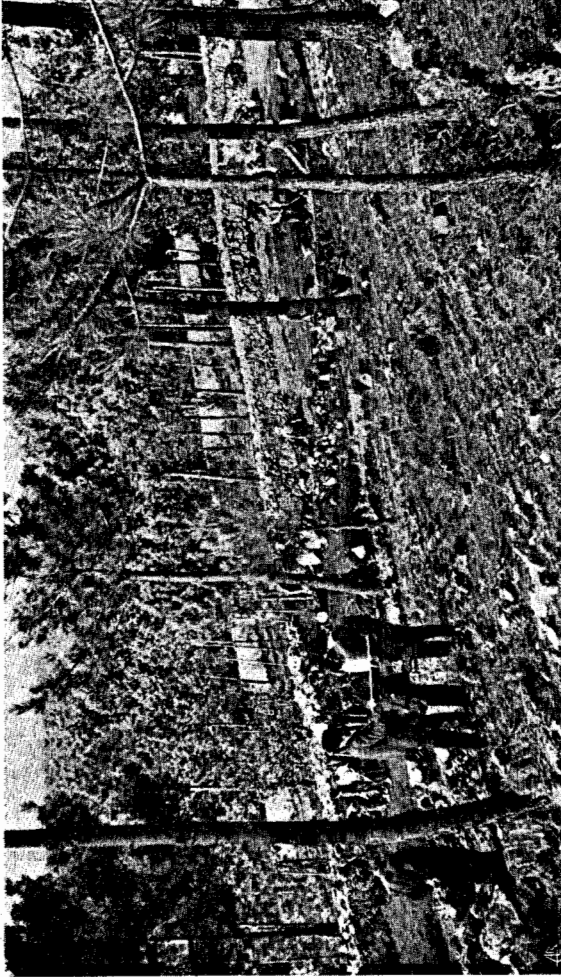


Fig. 8 — n.º 1, mascarilha de bronze encontrada na Citânia. (Tam. nat.)
n.º 2, cabeça de pedra encontrada no Castro de Paradela (Lugo).
n.º 3, cabeça de pedra encontrada no Castro de Santa Iria
(Póvoa de Lanhoso).

perdeu o tempo, nem o dinheiro dispendido e tão inteligentemente facultado pela Ex.^{ma} Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Além destas escavações, procedeu-se ainda a trabalhos de limpeza geral no âmbito completo das ruínas, pois o silvado e o mato crescem rapidamente nestes recintos bravios, abandonados da vida humana, tudo invadindo e sepultando, se não houver o cuidado constante de zelar pela conservação de tão importantes testemunhos do nosso remoto passado.

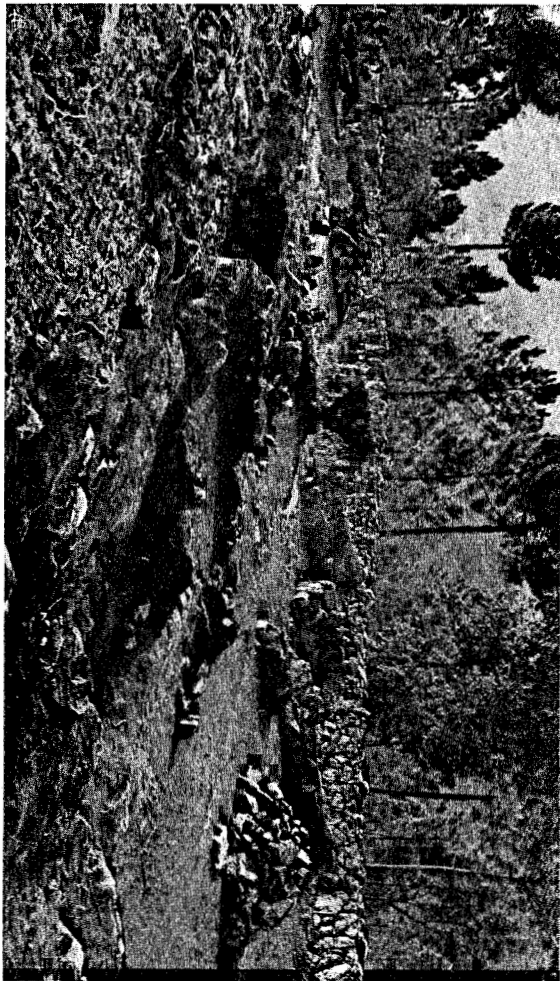
EST. I

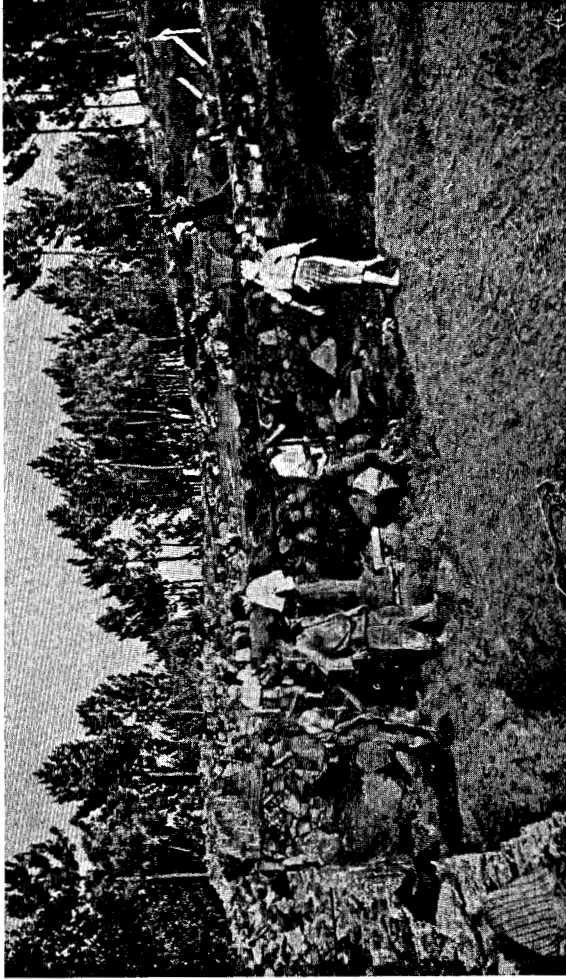


Desaterros na encosta norte, aquém da segunda muralha. No plano mais distante, vê-se a terceira linha de muralhas.

Est. II

Casas encostadas à face interior da segunda muralha postas a descoberto





Trabalhos de desaterra e crivagem das terras junto da segunda muralha. À direita, no segundo plano, uma mulher recolhe num cesto os objectos que não passam no crivo de rede fina; à esquerda, mulheres conduzem cestos com terra, depois de crivada, que vão lançar a distância.

EST. IV



Pedreiros reconstituem um muro de suporte das terras na encosta norte. A forma de construção dos muros é fielmente copiada da parte intacta das bases, sem o emprego de marretas de ferro, e colocando sempre o lado mais polido das pedras voltado para o exterior.

EST. V



Casa de planta circular, no sector norte, posta a descoberto e restaurada em parte.

EST. VI

Lima rua posta a descoberto, pavimentada com pequenas lajes. Ao lado direito a casa redonda da Gravura anterior

